

Deságua: relato-memorial de um processo de criação corpo-vocal e ancestralidade

Evelyn Cristine Pereira Nascimento ⁱ
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/PA, Brasil ⁱⁱ

Resumo - *Deságua*: relato-memorial de um processo de criação corpo-vocal e ancestralidade

Deságua é um relato-memorial que remete a um processo de experimentação e criação de formação artística do curso de Técnico em Teatro na escola de Teatro e Dança da UFPA na matéria Téc. Corporais II ministrada pela professora Ana Flávia Mendes. Nessa matéria tivemos como indicadores, práticas corporais ligadas a matrizes africanas e indígenas com o objetivo de criar performances inspiradas em tais práticas. Neste artigo será relatado o processo criativo da performance corpo-vocal que inclui práticas corporais e canto, o conceito de voz/corpo como um só a partir de um processo que remonta a natureza, águas e ancestralidade como indutores para o objetivo final da matéria.

Palavras-chave: Experimentação. Performance. Corpo-vocal. Ancestralidade. Água.

Abstract - *Deságua*: memorial report of a body-vocal and ancestry creation process

Deságua is an memorial report that refers to a process of experimentation and creation of artistic training in the Theater Technician course at the School of Theater and Dance of UFPA in the course Téc. Corporais II taught by teacher Ana Flávia Mendes. In this course, we focused on body practices connected to African and Indigenous matrices with the aim of creating performances inspired by this practices. This article will describe the creative process of the body-vocal performance that includes body practices and singing, the concept of voice/body as one, stemming from a process that traces back to nature, water, and ancestry as drivers for the course's final objective.

Keywords: Experimentation. Performance. Body-vocal. Ancestry. Water.

Resumen - *Deságua*: relato-memorial de un proceso de creación cuerpo-vocal y ancestralidad

Deságua es un relato-memorial que remite a un proceso de experimentación y creación de formación artística del curso de Técnico en Teatro en la escuela de Teatro y Danza de la UFPA en la materia Téc. Corporales II impartida por la maestra Ana Flávia Mendes. En esta materia tuvimos como indicadores, prácticas corporales ligadas a matrizes africanas e indígenas con el objetivo de crear performances inspiradas en tales prácticas. En este artículo se relatará el proceso creativo de la performance cuerpo-vocal que incluye prácticas corporales y canto, el concepto de voz/cuerpo como uno solo a partir de un proceso que remonta a la naturaleza, las aguas y ancestralidad como inductores para el objetivo final de la materia.

Palabras clave: Experimentación. Performance. Cuerpo-vocal. Ancestralidad. Agua.

Nascente

Tudo que nasce, nasce de algum lugar, com a água não é diferente. Vivemos em um planeta majoritariamente cercado de água. No chão, no ar, no céu e nos nossos corpos humanos. Tudo é água e ela vem de algum lugar.

Todo rio tem uma nascente: local onde a água que está subterrânea atinge a superfície, dando origem a um curso d'água. Quando ela chega à superfície e aflora, temos um olho d'água¹. Nascente.

Sempre que olho para dentro de mim, como artista, costumo ver muitas subjetividades sobre quem e o que sou, buscando em entranhas amarradas de uma mente/corpo-voz o que pessoas com um olhar com pouca subjetividade e sensibilidade talvez não enxergariam. E existem processos, no qual, o olhar do artista sobre si, se volta a partir de vivências que te levam a determinados lugares específicos. Assim foi o começo desse processo. Nascente.

No começo de setembro de 2024, no curso do Técnico em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA) tive uma matéria chamada Técnicas corporais II, ministrada pela professora Ana Flávia Mendes e com auxílio do professor Edson Santana. Nessa matéria tivemos como foco, práticas corporais que estavam conectadas a matrizes africanas e indígenas. Tivemos danças como samba, carimbó, outras danças com saias rodadas e experimentações como diversos ritmos musicais afro-indígenas aos sons de tambores e instrumentos percussivos. Durante as aulas tivemos contato com diversas práticas, danças, estímulos de instrumentos musicais e espaços diversos. Dentre elas, podemos destacar em todas, a relação de corpo e movimento (ex: fluxo, espaço, peso, níveis...), como poética, trabalhamos elementos da natureza (terra, fogo, ar e água) e sua interseccionalidade. Nossos corpos em relação ao som de batuque e alguns instrumentos percussivos (trabalho com som e ausência de som) eram constantes, todos de forma técnica-teórica por meio da exploração em laboratório a partir das práticas exploradas em sala. Decidi ao longo das práticas, fazer um diário de bordo, no qual eu pude escrever, rabiscar, desenhar... Verbalizar tudo o que eu sentia e o que as vivências em sala e reverberações fora dela traziam a minha mente/corpo-voz. Mesmo a partir de diversos estímulos, experimentações e transformações que se desenrolaram dentro de mim, de uma coisa, eu tinha certeza: a minha relação com as águas. Eis a minha

¹ RIBEIRO, Amarolina. Partes de um rio.

nascente. Saiu do meu subterrâneo eu e mostrou seu olho d'água aos olhos de quem agora poderia ver um rio nascendo.

Leito

O leito é o espaço ocupado pelas águas. É o caminho que o rio percorre². Caminho esse que não apenas corre em um fluxo único. No rio tem pedras, desvios, curvas, animais, plantas, afluentes, confluências, meandro³... diversas características que mostram a subjetividade para que cada rio seja o que ele é, diferente dos outros. Em sala de aula por meio das experimentações, pudemos encontrar nossas subjetividades. Um desses momentos, com a direção da professora e um atabaque soando ao fundo, pudemos experimentar de forma livre o nosso corpo-voz em relação ao espaço e ao som. A indicação era que fôssemos elementos da natureza: água, fogo, terra e ar. Logo, a favor da experimentação, eu quis me retirar do meu “ser água” o qual, eu já sabia que existia em mim para encontrar outros corpos-vozes internos e externos, mas apesar das práticas e de conseguir vivenciar esses outros corpos-vozes, a água sempre me puxava de volta, como uma âncora submergindo. Parei de brigar comigo mesma e deixei as vozes que eu tanto calo, fluírem na minha mente/corpo-voz. Fui ser o que era naquele momento.

Reencontrei a ideia de que nós não somos algo além da natureza, nós somos ela. E eu senti que era água de corpo/voz e mente assim como relata Alba Lirio, professora de voz sobre suas experimentações no artigo “A natureza da voz é água” :

Gosto de pensar que a natureza da voz é água. É imersos nela que estamos quando ouvimos os primeiros sons do corpo e da voz materna. É através da água que o som se propaga para criar outros sons e outros corpos. É por ela que algumas das mais lindas melodias do mundo habitam essa Terra e inspiram os homens. São a sua fluidez, sua permeabilidade e transparência, sua força e seu poder que nos subjuga até que as reconheçamos e, possivelmente, manifestemos no corpo e na voz essas mesmas qualidades (Lirio, Kieserman, p.72, 2017).

No caminho de retomar as águas que me atravessavam a história, aos poucos, fui buscando entender que vozes habitam no meu rio para o fazer ser assim como é? Que cor ele tem? Que sabor, gosto? Que animais habitam nele? E outras diversas questões. Mas para saber

² RIBEIRO, Amarolina. Partes de um rio.

³ Caminho tortuoso de um curso de água, curvas.

tudo isso eu precisei mergulhar, ficar submersa lá no fundo e entender através da minha ancestralidade⁴ o que é meu que me faz ser quem sou.

Vieram encenações na memória, que transpuseram e tornavam naquele momento, um pensar, um inventariar, um tecer as singularidades. Trouxeram lembranças ao ambiente e argumento de um tempo, que passavam por seleções afetuosas de aprendizado particular (Santos, 2019, p. 35)

Como reitera a artista e educadora Inaycira Santos quando fala sobre o processo de criação com a ancestralidade ligada ao fazer artístico e pedagógico. A ancestralidade é uma ponte, uma raiz forte que conecta o meu passado ao meu presente. Nesse mergulho sem rumo, voltei para onde minha mãe me gerou, onde nasci e morei:

Eu sou de São João de Pirabas. Lá na beira banhando a cidade, tem um rio e do lado dele tem um mar. O que faz com que a água do meu rio, não seja doce e nem salgada. Salobra é o que ela é. Nem todo mundo gosta de rio assim, mas eu gosto, porque eu sou salobra. Demorei para sentir de onde eu vim, me apaguei da memória a sensação de ser água salobra e como isso faz parte do meu corpo-voz. Receptáculo de rio-mar. O meu eu ancestral é pura água. Eu nasci na beira do mar e logo cedo me banhei na beira do rio. Antes mesmo de eu me entender como ser, eu já sabia o sabor que tinha de colocar os pés nas águas geladas de um igarapé. Ela parecia me amar e eu amar ela de volta. Toda vez que sou tocada por ela, algo me cura. Curada. Água que cura, matura o tempo que é água. Quem tem o corpo vestido de água, tem benção da natureza! Sou sereia de rio-mar e a minha casa é molhada. Nasci na beira da água e antes de eu saber, eu já era ela⁵ (Nascimento, 2024, p. 13)

Como se não bastasse voltar apenas ao dia e local que nasci, mergulhei mais, caindo em desvios ao longo do meu curso d'água. Encontrei uma curva. E ainda imersa em como a ancestralidade se manifestava na minha mente/corpo-voz por meio dessa volta, tentei buscar uma referência do que pudesse se encaixar nos preceitos da matéria que trabalhava a conexão entre matrizes africanas e indígenas de forma que se encontrasse com o que eu estava pesquisando. Sem muito sucesso, desisti de encontrar algo concreto e deixei o fluxo me levar durante as práticas onde ele quisesse me levar. Em determinada ocasião de práticas corporais livres em laboratório, tive vontade de cantar (sentimento não incomum para mim, visto que sou cantriz⁶, pesquisadora de voz e o meu amor maior é voz), por meio de murmúrios e melodias que se formavam, uma melodia e letra em constante repetição se fez em minha

⁴ Nesse relato, falamos de ancestralidade como um conceito ligado ao “o que veio antes”, em relação a pertencer a um lugar, costumes, cultura e saberes.

⁵ Texto adaptado retirado do Diário de bordo presente na pesquisa.

⁶ Termo que utilizo para me nomear com uma cantora que veio para o teatro e não se sente nem mais cantora e nem mais atriz. E sim, os dois.

mente. Como uma força incontornável, ela se repetia constantemente até o ponto que permiti deixar que ela me guiasse. A música em questão era um ponto de Cabocla Mariana⁷:

Ela é arara cantadeira
Ela é arara cantadeira
Ela é Dona Mariana
Rainha das curandeiras
Ela é Dona Mariana
Rainha das curandeiras

Busquei entender melhor entender sobre o que se tratava. Eu não sou uma pessoa de terreiro e quis buscar entender com respeito o espaço que eu estava adentrando. Pesquisei sobre as três princesas turcas: Mariana, Jarina e Herondina, por meio de diversas leituras e vídeos. Assunto não tão desconhecido para mim visto que já havia tido conversas com pessoas próximas de mim que me contaram sobre elas, procurei saber mais de quem tem essa vivência. Nessas pesquisas, me deparei com um vídeo no qual Mae Rita D'Oxum⁸ falava sobre Dona Mariana, mas entendi que muito que eu devia buscar não estava em livros e leitura, fui na busca pela oralidade, por meio de conversas e ensinamentos. “As narrativas orais preservam e propagam através da memória os ensinamentos dos antigos, costumes, jogos, cantos e histórias” (Schneider, 2015, p.14-15). Ponto esse, que levei em consideração na hora de continuar essa pesquisa, quando pensava em voz e ancestralidade, o que mais me atravessava era a relação direta com a oralidade e a histórias que chegavam até mim pela fala de outras pessoas mais velhas que eu, muito comum na cidade em que eu morava. Segundo Schneider (2015, p.12) “Uma teia que une os tempos é tecida pelo contador de uma narrativa oral”.

Lembrando o passado dos ancestrais, a narrativa traz ao presente a vida e os sentimentos de outro tempo, ou seja, reconecta quem narra e quem ouve a uma temporalidade outra que também faz parte do instante vivido. Tive diversas conversas com o professor Edson Santana, que é de terreiro, sobre os mesmos assuntos, ele me guiou durante o meu processo criativo. Das conversas que tive, muitas ideias me atravessaram por meio das histórias da bela turca, forte, encantada na beira dos mares que fortalece e empodera outras mulheres. A arara cantadeira, canta e cura, rainha das curandeiras. Ser que transmuta, fluida como as águas e é luz e guia para quem a necessita.

⁷ Cabocla Mariana, a bela turca, é uma entidade espiritual que está nas linhas dos encantados se faz presente em religiões brasileiras de matriz africana.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=Pfp3lyjPIqc>

Ao conectar com a o momento inicial da pesquisa que me trazia de volta para a ancestralidade de onde eu nasci, voltei a algo que já havia me ocorrido anteriormente. Na minha cidade, São João de Pirabas, cidade na beira de um rio, perto do mar, há uma praia conhecida como praia do Rei Sabá, onde há uma festividade sincrética todos os anos no começo do ano. Nessa festividade se comemora uma figura encantada que tem uma multiplicidade de significados para as religiões da cidade, em uma dessas facetas, para as afro-religiosidades da cidade, ele é o Rei Sebastião, pai de Jarina, Mariana e Herondina.

Por esta razão, podemos dizer que Rei Sabá pode ser Rei Sebastião. Cabocla Mariana, a bela turca encantada, na croa de Mãe Rita de Oxóssi me garantiu: Rei Sabá era um passeador das águas do Maranhão e do Pará, acabou por se encantar nessas regiões. Quando em forma de gente, aparece como um homem branco, alto e bonito, podendo surgir, em outros momentos, virado em Cobra Grande, e por isso, Cabocla Mariana lhe deu a alcunha de Rabudo (Veras, 2021, p. 3).

Foi o ponto de conexão entre as referências da minha pesquisa: as águas, o local de onde eu venho, cabocla Mariana o Rei Sabá. Com as novas ideias que vieram surgindo no meu leito, fiz a retomada às águas.

Em uma das ocasiões de experimentações em sala de aula, me perguntei como as águas se comportavam. Tem água calma, tem maresia, tem água de chuva, tem água de banho, tempestade, banho de cheiro, água com ervas... Banho de cheiro não é água que cura?

Mulher água. Fluida. Às vezes calma, outras vezes nem tanto. Ser que se move dançando com as ervas na cuia de uma curandeira de fé. Cura e leva o que tem que ir. Por vezes, é tempestade que cresce em ímpeto mudando brusca de direção, levando tudo que está ao seu redor. Leva o que tem que ir. Movimento, pororoca! Encontro de águas marcado com intenção. É mais de uma água. É mais de uma. É mais. É muito. Sou várias. Sou doce, sou salgada, sou o que eu quiser. E não agrado a todos os paladares⁹ (Nascimento, 2024, p. 13).

Essas reverberações se tornaram presentes no meu corpo/voz. Visualidades foram surgindo com o tempo. A professora nos deixou livres para criar seres, criaturas que emergiam ao longo do processo sem precisar ser um ser já existente. Fui por esse caminho, de um ser criado por mim. E uma das imagens que me surgiu na mente, eu desenhei no meu diário de bordo (desenho esse que seria futuramente o meu figurino para a cena) assim como o desenho de uma cuia com contas penduradas (meu objeto de cena que é instrumento musical, cuia e máscara)¹⁰:

⁹ Texto adaptado retirado do Diário de bordo presente na pesquisa.

¹⁰ Figura 1 e 2 são partes do diário de bordo presente na pesquisa



Figura 1 - Figurino
(página tirada do diário de bordo)

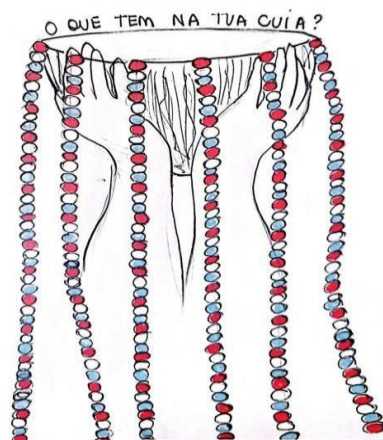


Figura 2 - objeto de cena (página tirada do diário de bordo)

Os objetos foram confeccionados e quando prontos, eu pude experimentá-los em sala de aula, criando o roteiro e criatura que iria para a cena comigo na finalização da matéria. Encontrei a minha foz, meu ponto de desague.

Foz

Diante de tantas reverberações, surgiu uma criatura até então sem nome. No dia 30 de outubro de 2024, aconteceu a finalização da matéria de Técnicas Corporais II chamada “CRIATURAS” que ocorreu às 17h30min no Complexo turístico do Ver-o-Rio, ponto turístico de Belém de frente para a Baía do Guajará. Em um dos trechos desse espaço, há uma pequena praia, local que escolhi para ser o “palco” para o meu solo. Neste dia, apresentamos eu e mais cinco colegas de turma, cada um com seu solo. A criatura que tanto pesquisei no meu corpovoz foi nomeada por mim somente nesse último dia após a apresentação: Senhora das águas salobras. Eu esperei o nome vir até mim.

Eu estava vestida com um vestido curto branco fluido, o chapéu de fitas azuis encobrindo-me o rosto deixando de fora somente a boca e de maquiagem, uma boca vermelha, com traços brancos no rosto e nos braços linhas curvas como ondas pintadas de branco que começavam nos meus dedos e subiam até os braços. As cores do meu figurino surgiram de forma espontânea por meio das referências: azul, branco e vermelho. O chapéu uma referência

a Cabocla Mariana com as flores no topo, o azul representava as águas, o branco, cura e transmutação e o vermelho, força de mulher, inspirada nas falas feridas e fortes de Mariana, que se comunica com certeza e força. As linhas nos braços representavam ondas, um ser que é banhado de águas, espuma de onda que quebra na beira. O objeto de cena era um instrumento musical de efeito que fazia sons das águas, que virava cuia, receptáculo de águas que curam e no final virava máscara da criatura Senhora das Águas Salobras.

A apresentação se iniciava na praia, perto da beira do rio, somente com os sons das águas do rio e do instrumento musical que carregava comigo. Nesse momento, tínhamos um atabaque que o professor Edson estava manuseando, porém, nesse instante, trabalhamos com a ausência do som do instrumento musical e somente os sons do ambiente, no qual tinha bastante barulho de vento e as pessoas estavam muito silenciosas. O que trouxe para a performance, um começo que mostrava uma criatura misteriosa, não mostra a face, só se move. Enquanto estou encoberta pelo chapéu de fitas no começo, me faço água, água salobra, movimentações que remetem ao caminho de como essa água se move, lenta, forte... De dentro da minha “casa de água” (chapéu de fitas), aos poucos mostro os as mãos, os braços, depois as pernas, como uma água calma, que tem repentes surgindo aos poucos. Água movente, que se expande e se encolhe como o balanço das ondas. Primeiro, calma depois agressiva, com movimentos mais bruscos, chicoteando o chão com ondas fortes de praia. Água que também é tempestade e pode destruir o que tiver no caminho. Fluidez e rispidez. Até que um giro contínuo de movimentação, redemoinho me leva ao meu instrumento musical. Nesse momento ele vira cuia até o rio. Começo de transformação, encantaria. A cuia me guia até o rio, retiro o chapéu que me cobre e me banho nas águas do rio, água da cuia que cura e transforma. Banho-me no rio ao som dos batuques no atabaque, o meu vestido fluido, quando mais é molhado, mais gruda no meu corpo como uma pele. Corpo vestido de água. E essa cuia que carregou as águas que me banharam se torna uma máscara que cobre meu rosto. Encantada. Senhora das águas salobras. Caminho com a máscara no rosto a encontro do som do atabaque e nesse caminho entoo uma canção com uma voz forte que chega até longe, enquanto danço movimentos de corpo que se transmuta:

É rio, é mar
 Água salobra É
 rio, é mar
 Água salobra
 Não é doce, nem é salgada. Não é
 doce, nem é salgada. Pororoca,
 pororoca

Não é doce, nem é salgada. Não é
doce, nem é salgada. Pororoca,
pororoca¹¹ (Nascimento, 2024, p. 25).

E logo após, me ajoelho no chão e dou um texto. Transformação se fez por completo:

Me banhei no colo sagrado do rio-mar
Me afoguei
A minha casa é molhada
E antes mesmo de eu saber, eu já era água.
Transmuta, cura e transforma
Tempestade de mim que sou maresia
Quem tem o corpo vestido de água tem guia¹² (Nascimento, 2024, p. 25).

Levanto-me com a minha máscara e corro até o meu chapéu na beira do rio, com a máscara cuia no rosto e o chapéu seguro com a mão nas costas, as fitas se arrastam no chão. Eis a criatura, encantada pelas águas. Ela é água salobra e a água salobra é ela. Desague.

Palavras finais

Por meio desse relato memorial, afirmo que a experiência com a matéria de Técnicas corporais II na Escola de teatro e dança da UFPA, foi muito enriquecedora e trouxe até mim uma pesquisa que hoje chamo de “Deságua”. Pude explorar com muita liberdade e expressão minha mente/corpo-voz, encontrando em mim, como artista, vozes, corpo e criaturas ainda não encontradas anteriormente nesse contexto. Não apenas nas experimentações em sala de aula em coletivo e individualmente que fizeram com que nós nos enxergássemos como natureza e não algo à parte, mas também na busca pela ancestralidade que permeia por essa mesma mente/corpo-voz que busca retomar a si, de onde vem e para onde vai. Busca constante que não para.

“Deságua” é uma pesquisa que apesar de já ter encontrado curso d’água, ainda está na sua nascente. Está apenas no começo, há muito que explorar nas águas do meu rio-mar. Cada rio tem o seu caminho e nele há desvios, cada meandro pelo rio, me leva a um lugar novo e me sinto inspirada e renovada para seguir as novas curvas desse rio.

Essa pesquisa e essa matéria, em especial, se tornaram algo maior que eu previa, visto que após longos cinco anos na Escola de Teatro e Dança da UFPA, finalizo meu último dia de aula com uma apresentação que ficará na minha memória com muito afeto, amor e sentimento

¹¹ Composição autoral feita por mim no processo das aulas (texto presente no Diário de bordo).

¹² Texto autoral escrito por mim no processo das aulas (texto presente no Diário de bordo).

de trabalho bem-feito com tudo que eu podia oferecer de mim. Entrega e devoção. E para além, um sabor de que esse não é o final, é sim o começo de muitos cursos nas minhas águas salobras.

Referências

FILHOS DE IRACEMA. **Mariana: histórias de vida e encantaria**. Youtube, 22 de out. de 202. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Pfp3lyjPIqc> > Acesso em 17 de outubro de 2024.

LÍRIO, Alba, KIESERMAN, Nara. **A natureza da voz é água**. Rascunhos. Uberlândia, MG. v.4, n.4, p.70-83. Setembro 2017.

NASCIMENTO, Evelyn. **Deságua: diário de bordo da matéria de Técnicas corporais II**.

Belém, 2024. Disponível em:< <https://online.fliphtml5.com/ehvuv/yzsv/#p=1> >

OXÓSSÍ, Mãe Rita de. **A umbanda é um livro que se folheia: uma conversa com Cabocla Mariana na croa de Mãe Rita de Óxossi**. Entrevista concedida a Hermes Veras. Revista Entrerios, Piauí, v. 7, n. 1, p. 135 - 141, 2024.

RIBEIRO, Amarolina. **Partes de um rio**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>.

SANTOS, Inaycira. **Corpo e ancestralidade: perspectiva poética e pedagógica**. Em: **Formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural** - São Paulo: Terracota Editora, 2019.

SCHNEIDER, Juliana. **A escuta da fala marginalizada em ancestral na voz ascendente**. Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Letras, pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015, Porto Alegre.

VERAS, Hermes. **O santo e o encantado: a procissão afro umbandista para São Sebastião em São João de Pirabas**. Rev. antropol. (São Paulo, Online). v. 64 n. 3: e189653 | USP, 2021.

Relato recebido em 04/09/2025 e aprovado em 16/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v6i02.59575>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Evelyn Cristine Pereira Nascimento - Cantora, atriz, artista-pesquisadora e professora de canto/técnica vocal. Bacharela em Design de Moda pela Universidade da Amazônia - UNAMA (2018). Atriz em formação no curso Técnico em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Experiências profissionais em artes Cênicas, música e audiovisual em diversos espetáculos e produções desde 2016. Membro do projeto de extensão LAB-GUMA: Laboratório de performance vocal, sonoridades e diversidade (desde 2023) e aluna bolsista de iniciação científica - PIBIC no grupo de pesquisa “Vozes Encorporadas: processos de criação e epistemologias caboclas na Amazônia” com o Professor Thales Branche (2022-2024). Professora de canto e técnica vocal na Escola Espaço das artes de Belém (desde 2022). Atuante no meio artístico como arte educadora, atriz e cantora da cena teatral/musical. Na área de pesquisa em arte, transita entre os temas: Voz, corpo-voz, canto, teatro, teatro musical, vocalidades e pedagogia vocal. evscrisart@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2142542917609451>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2059-8576>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

